

RENZO ALLEGRI

Fátima

Memórias para
o nosso tempo



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Allegrí, Renzo
Fátima : memórias para o nosso tempo / Renzo Allegrí ; tradução de Andréia Schweitzer. – São Paulo : Paulinas, 2023.
264 p. (Investigando a história)

Bibliografia

ISBN 978-65-5808-203-3

Título original: Fatima: una profezia lunga cent'anni

1. Maria, Virgem, Santa – Aparições e milagres – Portugal – Fátima 2. Fátima, Nossa Senhora de – História 3. Lúcia, Irmã, 1907-2005 4. Marto, Francisco, Santo, 1908-1919 5. Marto, Jacinta, Santa, 1910-1920 I. Título II. Schweitzer, Andréia III. Série

23-0077

CDD 232.917

Índice para catálogo sistemático:

1. Maria, Virgem, Santa – Aparições e milagres – Portugal – Fátima

Título original da obra: *Fatima: Una profezia lunga cent'anni*
© 2017 Àncora S.r.l., Milano.

1ª edição – 2023

Direção-geral: *Ágda França*
Editora responsável: *Marina Mendonça*
Tradução: *Andréia Schweitzer*
Copidesque: *Mônica Elaine G. S. da Costa*
Revisão: *Sandra Sinzato*
Capa e diagramação: *Tiago Filu*

Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da Editora. Direitos reservados.

Paulinas

Rua Dona Inácia Uchoa, 62
04110-020 – São Paulo – SP (Brasil)
Tel.: (11) 2125-3500
<http://www.paulinas.com.br> – editora@paulinas.com.br
Telemarketing e SAC: 0800-7010081
© Pia Sociedade Filhas de São Paulo – São Paulo, 2023

À minha esposa Vittorina,
uma preciosa colaboradora,
agradeço pela paciente
revisão do manuscrito.

SUMÁRIO

| | |
|--|-----|
| Prefácio | 9 |
| I. 1917-2017 – Um século violento | 17 |
| II. “Não tenham medo” | 23 |
| III. “Eu sou o Anjo da Paz” | 29 |
| IV. “Você tem que negar tudo” | 45 |
| V. E se for Satanás? | 57 |
| VI. O dia da luz..... | 71 |
| VII. O grande segredo..... | 79 |
| VIII. As duas faces do inferno | 93 |
| IX. “E a Rússia se converterá” | 105 |
| X. Entre o céu e a terra..... | 115 |
| XI. O calvário do Papa Wojtyła..... | 131 |
| XII. “Nossa Senhora veio por nós” | 149 |
| XIII. Lágrimas na prisão..... | 161 |
| XIV. No coração do sofrimento do mundo..... | 171 |
| XV. O maior prodígio de todos os tempos..... | 181 |
| XVI. Um pedido incômodo..... | 197 |
| XVII. A resposta do céu..... | 217 |
| XVIII. O sonho inacabado..... | 237 |
| XIX. Fátima para sempre | 245 |

PREFÁCIO

Uma guerra mundial que termina, outra que explode, a ideologia comunista que se afirma e se espalha pelo planeta, uma fonte de água que brota repentinamente e faz milagres, o Sol que gira no céu e parece cair sobre milhares de pessoas em fuga, segredos escondidos, um papa que é morto durante um grande extermínio de cristãos. As profecias de Fátima têm tudo para ser terríveis e fascinantes, para chamar a atenção não só dos crentes, mas também para sobreviver há mais de um século de paixões e fazer as pessoas debaterem. Fátima é a aparição de Nossa Senhora mais “política” da história, e a história a atravessa há décadas, criando dúvidas e hesitações até mesmo nos papas, que, mesmo exaltando publicamente essa aparição, sempre relutaram em cumprir o simples pedido da Virgem, que prometia impedir os amedrontadores conflitos que abalaram o século XX e mudar o curso da história, caso se cumprisse o que ela suplicava em nome de Deus: a explícita consagração da Rússia ao seu Imaculado Coração.

O livro de Renzo Allegri retrata tudo isso e muito, muito mais. Grande cronista, orgulho do jornalismo italiano, com investigações, reportagens, entrevistas muito importantes e mais de oitenta livros de grande circulação, traduzidos em várias línguas

do planeta (até o Cardeal Pietro Parolin, secretário de Estado do Papa Francisco, citou um de seus livros durante a homilia pela canonização de Madre Teresa de Calcutá), Allegrì nos conduz ao labirinto desta história que começou numa aldeia remota de Portugal, tendo como protagonistas iniciais três crianças que pastoreavam ovelhas e que, a seguir, envolveram os poderosos das nações e consulados de meio mundo. O autor coletou testemunhos muito importantes, como o do irmão dos pastorzinhos Francisco e Jacinta, ou do Padre José Valinho, sobrinho de Irmã Lúcia e um dos poucos que tiveram acesso a ela, que se encontrava encerrada em um convento de clausura de Coimbra, ou de Dom Pavel Hnilica, bispo consagrado clandestinamente durante as perseguições do regime comunista e que então, por conta do Papa Wojtyła, realizou missões secretas acerca de Fátima. O autor poderia ter se limitado a isso, mas não o fez. Em vez disso, escolheu usar o fato para criar uma história densa como o enredo de um romance apaixonante que, no entanto, é realidade.

Também eu tratei de Fátima e de suas consequências em várias ocasiões, e por isso tive a honra de escrever esta introdução: recebi e publiquei cartas da Irmã Lúcia; elaborei, após a queda do Muro de Berlim, uma pergunta sobre Fátima que fiz a João Paulo II numa coletiva de imprensa com jornalistas no avião durante uma das suas viagens internacionais; em seguida, enviei as palavras do papa à Irmã Lúcia, que respondeu citando uma Terceira Guerra Mundial evitada; transmiti em vídeo a única grande entrevista com a Irmã Lúcia (que ainda tem uma parte inédita), uma entrevista que surpreendentemente, dada a vigilante descrição que se mantinha sobre ela, fui autorizado a filmar; conheci

parentes da Irmã Lúcia, seu médico particular, algumas pessoas que tiveram acesso a ela, incluindo cardeais. Por isso pensei que sabia muito sobre Fátima, mas este livro de Renzo Allegri surpreendeu-me pela vastidão da pesquisa realizada, investigando, com grande rigor e a sua fascinante capacidade narrativa, todos os acontecimentos da aparição e seguindo os muitos caminhos em que se desenvolveram, as visões que se sucederam à Irmã Lúcia ao longo dos anos, os problemas, os confrontos, as reações dos papas e as suas dúvidas, a polêmica, ainda em curso, sobre se a terceira parte do segredo de Fátima foi completamente divulgada ou não. Allegri apresenta sempre, com clareza, todas as posições opostas, mas não se abstém de sugerir, caso a caso, qual considera mais convincente.

Um grande trabalho, enfim, mas feito com um olhar que vai além da notícia: como explica o próprio autor, é a tentativa de mostrar – nesta história que traz concretamente o eterno para a história ao abolir a distância, que, no entanto, é sempre apenas aparente, entre o céu e a terra – quais são as preocupações, os desejos, o amor maternal que Nossa Senhora tem pela nossa vida humana e por cada um de nós.

Stefano Maria Paci
Vaticanista do Telejornal Sky Tg24



Este livro nasceu em Dossena, uma pequena cidade montanhosa em Val Brembana, na província de Bérgamo.

Um local que, desde o primeiro encontro, me fez lembrar Aljustrel, a vila nos arredores de Fátima onde viviam os três pastorzinhos – Lúcia, Francisco e Jacinta –, na época das aparições, cujo centenário foi festejado em 2017.

Em 1999, por causa do meu livro *Os milagres de Fátima: a história narrada pelo sobrinho de Irmã Lúcia* (publicado por Paulinas Editora, em 2010), passei vários dias em Aljustrel, recolhendo informações e memórias de alguns idosos que conheceram os videntes. Principalmente de João Marto, irmão de Jacinta e Francisco. Já estava com 94 anos, mas tinha uma memória invejável e a gentileza de um antigo fidalgo. Passamos horas sob a sombra de uma árvore ao lado de sua casa. Ele falava com uma alegre lucidez. Também me acompanhou, com um de seus sobrinhos, na visita aos lugares onde seus irmãozinhos e sua prima Lúcia se divertiam, brincando e pastoreando o rebanho, rezando e, também, onde tinham ocorrido as aparições do Anjo e de Nossa Senhora. Ele falava e eu, ouvindo, olhava em volta, fascinado pela paisagem e pelo silêncio encantador que nos envolvia.

Caminhando ao lado daquela testemunha de eventos que se distendiam entre o céu e a terra, e por aqueles lugares antes

visitados por entidades celestiais, experimentei emoções e sentimentos inesquecíveis.

Sentimentos e emoções que foram despertados quando comecei a escrever este livro. Todas as manhãs, eu saía para passear com meu cachorro pelas trilhas do bosque de Dossena e elaborava mentalmente os temas sobre os quais estava escrevendo. E percebi que a paisagem à minha volta, com os pequenos rebanhos de ovelhas nas clareiras do bosque, lembrava-me a de Aljustrel. Memórias muito vivas, a ponto de, às vezes, caminhando, ter a impressão de estar ao lado do velho João, que continuava a falar. Uma impressão extraordinária, um presente maravilhoso daquela paisagem montanhosa. Obrigado, Dossena.

Renzo Allegri

1917-2017 UM SÉCULO VIOLENTO

Em 1917, aconteceram em Portugal as famosas aparições, lembradas como “Aparições de Nossa Senhora em Fátima”, que estão entre as mais importantes da história religiosa moderna, aprovadas pela Igreja. E que, devido a um acontecimento físico marcante, lembrado como o “Milagre do Sol”, anunciado desde o início e depois visto por milhares de pessoas, teve imediatamente um impacto muito forte na opinião pública, inclusive internacional.

Posteriormente, sempre no decorrer dessas aparições, Nossa Senhora fez previsões sobre o futuro do mundo, indicando movimentos ideológicos e políticos que causariam divisões, guerras, destruições de nações inteiras, perseguições religiosas, inclusive com o envolvimento de papas. Previsões que, durante certo tempo, estiveram contidas em documentos “secretos”, mas que, quando foram reveladas e se constatou que Nossa Senhora previra o futuro com uma precisão desconcertante, contribuíram para o aumento do interesse não só de fiéis, mas também de ateus e agnósticos, fomentando discussões e polêmicas que nunca se extinguíram.

Na época das aparições, o mundo já vivia um período de conflitos dramáticos: estavam em andamento a Primeira Guerra Mundial, a Revolução Bolchevique, o Genocídio Armênio, as Guerras dos Bálcãs. Eventos baseados em ódio, vingança, opressão, terror. Com o passar dos anos, a situação global piorou: os massacres do marxismo stalinista chegaram com a deportação de nações inteiras, a Revolução Mexicana, a Guerra Civil Espanhola, o nazismo, os campos de concentração (8 milhões de mortos), a Segunda Guerra Mundial (54 milhões de mortos), o espectro das armas nucleares, o terrorismo. Niall Ferguson, um historiador britânico que dedicou extensos ensaios ao século XX, escreveu: “Neste século não há um único ano, antes, durante ou depois das guerras mundiais, que não tenha sido protagonizado por violência organizada em grande escala em uma ou outra parte do mundo”.

E, enquanto os povos se dilaceravam em meio ao ódio, à vingança, à conspiração e aos massacres cada vez maiores, um evento misterioso acontecia numa pequena vila de Portugal, insignificante do ponto de vista da aparência “visível”, mas destinado a marcar profundamente a história.

Na Cova da Iria, local então desconhecido e desabitado nos arredores de Fátima, uma belíssima Senhora aparece a três crianças, Lúcia, Francisco e Jacinta, que pastoreavam o rebanho. Três crianças humildes, filhas de camponeses pobres, analfabetos, representando inocência e simplicidade. Aquela belíssima Senhora é imediatamente identificada pelas três crianças como Nossa Senhora, Mãe de Jesus.

Nos vários encontros que se seguiram, a Bela Senhora entregou aos pequenos videntes uma mensagem destinada ao mundo, na qual indicava caminhos sábios a seguir para a salvação, em consonância com o imenso valor da vida na sua dimensão temporal e eterna. Ela condenava as barbáries em andamento, apontando-as como fruto do Mal que assolava o mundo desde o início, e discriminava a quais consequências dramáticas isso levaria. Convidava as três crianças a se aliarem a ela, em um pacto espiritual, para cooperar com a salvação da humanidade.

“Salvação” entendida no sentido dado a este termo pela religião cristã, e especificada pelos textos teológicos com o termo “*parusia*”: “salvação total”, da vida em sua concepção original, como era antes da devastação causada pelo pecado original e como será novamente no fim dos tempos.

E, na sequência desse primeiro “pacto de salvação espiritual” entre Nossa Senhora e os três pastorzinhos de Fátima, aos poucos foram surgindo movimentos religiosos, grupos de oração, agregações, costumes, devoções, considerados válidos e também apoiados pela hierarquia eclesiástica católica, os quais se espalharam por todo o mundo.

Cem anos depois das aparições de Fátima, o cenário histórico da luta entre o Bem e o Mal não mudou. Na verdade, ficou muito pior. O mundo hoje tem 8 bilhões de habitantes, organizados em cerca de 200 Estados, dos quais apenas uma dúzia está oficialmente livre de conflitos. Guerras, revoltas, disputas territoriais, reivindicações, terrorismo: sangue e ódio fratricida escorrem por toda parte. A corrida para a destruição global parece irrefreável.

Nosso planeta se tornou um barril de pólvora que pode explodir com conseqüências apocalípticas. Mas o guia profético para um caminho da humanidade rumo à miragem de uma paz universal possível, indicado em Fátima, continua vivo. A Bela Senhora, como prometeu, jamais abandonará a humanidade.

Na segunda aparição em Fátima, referindo-se ao futuro dos três videntes, Nossa Senhora disse a Lúcia: “Em breve, virei buscar Jacinta e Francisco. Mas você tem que ficar aqui mais tempo. Jesus quer usar você para me tornar conhecida e amada”.

E essa previsão, feita em 13 de junho de 1917, também se cumpre à risca. Francisco foi para o céu em 4 de abril de 1919, quando faltavam dois meses para completar 11 anos; Jacinta o seguiu em 20 de fevereiro de 1920, um mês antes de completar 10 anos; Lúcia, por outro lado, permaneceu no mundo até 13 de fevereiro de 2005, quando faltava um mês para completar 98 anos. Viveu num mosteiro, em Coimbra, como freira de clausura, mas, como lhe fora pedido, comprometeu-se todo o tempo da sua existência a tornar Nossa Senhora conhecida e amada. Ela foi uma testemunha atenta, vigilante, escrupulosa e exigente na defesa do que tinha visto e ouvido, para que nada fosse poluído ou distorcido.

A literatura que se desenvolveu ao longo de cem anos sobre as aparições de Fátima, composta por livros, artigos, documentários e filmes, é enorme e muitas vezes centrada, sobretudo, nos aspectos milagrosos e espetaculares, surgidos desde o início do evento. Nestas páginas, tentei reconstituir os fatos históricos, tomando como guia os escritos de Lúcia – que são surpreendentes

e têm um valor inestimável, porque ela sempre e rigorosamente visa expressar apenas a verdade dos acontecimentos, despojando-se de todas as possíveis emoções desviantes – e os testemunhos de algumas pessoas que conheciam muito bem a vidente e a quem tive a sorte de visitar.

Em particular, Padre José Valinho, sacerdote salesiano, sobrinho direto da Irmã Lúcia; Dom Pavel Hnilica, bispo eslovaco, que abordou a freira várias vezes em nome do Papa João Paulo II; e, sobretudo, João Marto, irmão mais velho de Jacinta (quatro anos) e Francisco (três anos). Durante as aparições de 1917, ele sempre esteve ao lado dos irmãos. Suas memórias eram claras, simples, visuais, ligadas principalmente a detalhes elementares e, portanto, extremamente preciosas e fascinantes.

Também eles são, além de testemunhas diretas e excepcionais, pessoas que contam com parcimônia e concisão, temerosas de falsear, com sua interpretação ou seu excessivo entusiasmo, a realidade e a verdade dos fatos.

Essas pessoas foram companheiras de viagem preciosas para mim e espero não ter traído suas confidências.

“NÃO TENHAM MEDO”

Tudo começou em 13 de maio de 1917. Era domingo. Lúcia, Francisco e Jacinta, três crianças de 10, 8 e 6 anos respectivamente, que viviam na vila de Aljustrel, perto de Fátima, Portugal, levantaram-se cedo e foram à igreja paroquial para ouvir a primeira missa. Voltaram para casa, tomaram o café da manhã e saíram com o rebanho.

Eles pertenciam a famílias de camponeses. Francisco e Jacinta eram irmãos, filhos de Manuel Pedro Marto e Olímpia de Jesus. Eram o décimo e o décimo primeiro filhos do casal. Lúcia, prima de Francisco e Jacinta, era a sexta filha de Antônio e Maria Rosa dos Santos. Nenhum dos três jamais tinha ido à escola. Na família receberam uma educação muito religiosa e na paróquia fizeram o catecismo.

A tarefa deles era levar algumas ovelhas para o pasto. Um compromisso que realizavam todos os dias, escolhendo, de quando em quando, vários locais no entorno da vila onde sabiam que as ovelhas encontrariam um bom local para pastar.

Eles não se afastavam muito de casa. Geralmente paravam em terras pertencentes a suas famílias ou nos bosques públicos. Os locais mais populares eram as colinas que circundavam Aljustrel,

ou a Cova da Iria, um vale de bosques onde a família de Lúcia possuía um grande terreno.

O dia deles normalmente começava de manhã bem cedo. Tomavam um farto desjejum e saíam com as ovelhas.

Como suas casas ficavam em diferentes áreas da vila, encontravam-se em um local combinado, fora da cidade, e decidiam para qual pasto iriam. Assim que chegavam lá, passavam o dia brincando, mas sempre mantendo as ovelhas sob controle, para que não fizessem estrago na terra cultivada. Eles carregavam, em sacolas de pano, o almoço, que consistia de pão e queijo, e o complementavam com frutas silvestres e alguma verdura comestível. Costumavam rezar o rosário depois do almoço.

Naquele domingo, estavam atrasados em relação aos dias de semana, porque, como todos os domingos, tinham ido à missa antes de sair com o rebanho. O Sol já estava alto e o ar quente. Como de costume, foi Lúcia quem escolheu o lugar para o pasto. “Hoje vamos para a Cova da Iria, na propriedade dos meus pais”, disse ela, e partiram.

A Cova da Iria ficava a cerca de dois quilômetros da vila. Eles caminharam lentamente, permitindo que as ovelhas pastassem na grama ao longo do percurso, que consistia em um caminho que cruzava campos cultivados, bosques e campinas secas.

Chegaram ao destino por volta do meio-dia. Tiraram o pão e o queijo das sacolas de pano e almoçaram. Em seguida, recitaram o rosário, como de costume, e finalmente começaram a brincar.

A diversão favorita deles consistia em escolher um arbusto e construir um círculo de pedras ao redor para “marcar” um lugar reservado e protegido, quase como se fosse uma casinha.

Eles haviam apenas começado a brincadeira, quando tiveram a impressão de que um raio os havia iluminado ao cruzar o céu. Olharam, mas não se via no céu nem sombra de nuvem. A abóbada celeste estava límpida e azul, até o horizonte distante que se perdia no oceano. Porém, estando longe de casa, eles se preocuparam. Lúcia, que era a responsável pelo grupo, decidiu que era prudente retomar o caminho de volta. Pelo menos, se chovesse, seria fácil chegar rapidamente às suas casas.

Eles reuniram as ovelhas. Seguiram em direção ao caminho que descia a encosta.

Passando por uma grande azinheira, espécie de árvore da família do carvalho, em cuja sombra costumavam deter-se para brincar, pararam espantados e consternados. Diante de seus olhos, havia uma linda Senhora que olhava para eles e sorria docemente. Ela apoiava os pés nos galhos de uma pequena azinheira e estava rodeada por uma nuvem de luz maravilhosa.

Foi ali, naquela tarde de 13 de maio de 1917, que aconteceu o milagre da primeira aparição de Nossa Senhora aos três pastorzinhos de Fátima. Um acontecimento repleto de valores proféticos desconcertantes relacionados à história do século XX, com indicações de datas, nomes, personagens, ideologias e eventos, que depois se realizaram literalmente e que continuam a despertar interesse e debates.

Os três a viram bem. Lúcia conversou com ela. Jacinta via e ouvia as palavras da Virgem, mas nunca falou com ela. Francisco, por outro lado, via, mas ouvia apenas o que sua prima Lúcia dizia. Nunca ouviu a voz da Senhora.

Eis como Lúcia, mais tarde, em uma de suas memórias manuscritas, descreveu aquele primeiro encontro.

Quando ia brincar com Jacinta e Francisco, no alto da encosta da Cova da Iria, fazendo um muro em torno de um matagal, de repente vimos algo parecido com um raio.

“É melhor irmos para casa, porque está relampejando. Pode cair um temporal” – disse aos meus primos.

“Sim, vamos.”

Então, começamos a descer o morro, empurrando as ovelhas para a estrada. Aproximadamente na metade da encosta, quase ao lado de uma grande azinheira que havia ali, vimos outro clarão e, dando alguns passos à frente, avistamos uma Senhora sobre uma azinheira, toda vestida de branco, mais brilhante que o Sol, e que irradiava uma luz mais clara e intensa do que uma taça de cristal cheia de água cristalina, atravessada pelos raios do Sol quente. Surpresos com a aparição, paramos. Estávamos tão próximos, que nos encontramos dentro da luz que a envolvia ou que ela irradiava. Talvez a um metro e meio de distância, mais ou menos.

Então Nossa Senhora nos disse:

“Não tenham medo. Eu não quero machucar vocês”.

“De onde você é?”, perguntei a ela.

“Eu sou do céu.”

“E o que quer de mim?”

“Vim pedir que venham aqui durante seis meses seguidos, no dia 13, nesta mesma hora. Então direi quem sou e o que quero. Depois voltarei aqui pela sétima vez.”

“E eu vou para o céu também?”

“Sim, você vai.”

“E Jacinta?”

“Ela também.”

“E Francisco?”

“Também, mas terá que recitar muitos rosários.”

Lembrei-me, então, de perguntar sobre duas meninas que haviam falecido recentemente. Elas eram minhas amigas e estiveram em minha casa para aprender a tecer com minha irmã mais velha.

“A Maria das Neves já está no céu?”

“Sim.” (Acho que ela devia ter mais ou menos 16 anos.)

“E Amélia?”

“Está no purgatório até o fim do mundo.” (Acho que ela devia ter entre 18 e 20 anos.)

“Querem se oferecer a Deus para suportar todos os sofrimentos que ele quiser enviar a vocês, num ato de reparação pelos pecados com que foi ofendido e de súplica pela conversão dos pecadores?”

“Sim, queremos.”

“Então vocês sofrerão muito, mas a graça de Deus será o seu conforto.”

Ao pronunciar estas últimas palavras (“A graça de Deus etc.”), abriu as mãos pela primeira vez, emitindo uma luz tão intensa, como um reflexo que saía delas e penetrava no nosso peito e no mais íntimo da nossa alma, fazendo com que nos víssemos em

Deus, que era essa mesma luz, mais claramente do que quando nos vemos no melhor dos espelhos. Então, por um impulso íntimo, caímos de joelhos e repetimos intimamente: “Ó Santíssima Trindade, eu vos adoro. Meu Deus, meu Deus, eu vos amo no Santíssimo Sacramento”.

Após os primeiros momentos, Nossa Senhora acrescentou:

“Recitem o rosário todos os dias, para obter a paz no mundo e o fim da guerra”.

Em seguida, começou a subir serenamente, em direção ao leste, até desaparecer na imensidão da distância. A luz que a circundava se abria como um caminho entre a massa das estrelas, por isso, às vezes, dissemos ter visto o céu se abrir.